

DISCURSO MISÓGINO EM MEMES SHITPOSTS NO YOUTUBE

Jessica Rodrigues de Moura¹

Larissa Roberta de Carvalho Sabino²

Rosângela Tenório de Carvalho³

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso objetiva analisar discursos misóginos em *memes shitposts* presentes na plataforma *YouTube*. Inspiradas numa analítica foucaultiana do discurso, analisamos a recepção dos *memes* pelo público, e como as normas e valores culturais atravessam essas interações. A partir de Laretis e Butler percebemos como a performatividade de gênero é construída cultural e discursivamente, engendrada por tecnologias sociais. Com Hall, nos Estudos Culturais e Larrosa sobre o campo pedagógico para tratar das relações do sujeito consigo mesmo e os processos de subjetivação, identificamos ser possível coadunar as plataformas online a dispositivos pedagógicos produtores de discursos que moldam as percepções e práticas sociais.

Palavras-chave: gênero, *meme*, misoginia.

1. INTRODUÇÃO

Nunca se produziu tanta informação como na contemporaneidade. Somos constantemente interpeladas por variadas narrativas que chegam através das mídias digitais - massivamente e em tempo real - quase não restando tempo para questionar o montante de informações que nos acomete nos *feeds*⁴ os quais são redirecionados a cada clique. A sedução exercida pelos meios de comunicação funciona como indução, produzindo afetações que subjetivam os nossos desejos, afetos e desafetos enquanto navegamos nesses *feeds*. E, se a internet exerce significativa influência sobre os adultos,

¹ Concluinte do curso de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. jessica.rmoura@ufpe.br 2023.2

² Concluinte do curso de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. larissa.roberta@ufpe.br 2023.2

³ Professora Titular do Departamento de Ensino e Currículo do Centro de Educação da UFPE. rosangela.carvalho@ufpe.br

⁴ *Feed* é um fluxo de conteúdo digital, comum às redes sociais, mostrado em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro.

supomos que crianças e jovens são ainda mais afetadas pela exposição constante à web.

Dentre os conteúdos presentes nas redes, elegemos, para efeito de análise, discursos misóginos que circulam de várias maneiras nas redes sociais, aproveitando-se os produtores de conteúdo da facilidade de disseminação e de compartilhamento de informações nesses espaços digitais. Assim, analisaremos os discursos destinados a crianças e jovens adolescentes através do *YouTube*⁵ que possam significar aprendizagens culturais adquiridas em ambiente virtual. Propomos uma análise dos discursos misóginos intitulados pela *tag*⁶ #Super Machista Opressor, com o objetivo de investigar como a exposição a tais conteúdos podem reverberar nas práticas sociais de performance de gênero interpeladas por relações de poder e concepções hegemônicas que fundamentam a performatividade binária de gênero (BUTLER, 2019), que se traduzem em aprendizagens e podem influenciar os modos de subjetivação de crianças e adolescentes. A *tag* compõe um tipo específico de “humor” conhecido na *web* como *shitpost* ou *shitposting*. A categoria integra o gênero *meme*, termo cunhado por Richard Dawkins em *O gene egoísta* (1976)⁷.

Etimologicamente a expressão ‘misoginia’ surgiu a partir do grego *misogynia*, isto é, da união das partículas ‘*miseó*’, que significa ‘ódio’, e ‘*gyné*’, que se traduz para “mulher” (CUNHA, 2007, p. 386, grifo do autor, *apud* Bertagnolli et al., 2020). A influência judaico-cristã é uma discursividade que reforça a inferioridade da mulher⁸ e a subalternização do feminino, criando as

⁵ Seu nome vem da junção dos termos em inglês *you* que significa “você” e *tube* que pode ser traduzido para “tubo” ou “TV”, ou seja, “TV para você” ou “sua TV”, que caracteriza fielmente o propósito da plataforma de substituir a televisão.

⁶ *Tag* em inglês (muitas das palavras na linguagem da internet são originadas do inglês) significa etiqueta, rótulo.

⁷ Conforme o Dicionário inFormal (2017), *shitpost* é definido como “postagens agressivas, piadas com conteúdo ofensivo ou qualquer coisa de má qualidade usadas para causar conflitos e/ou irritar as pessoas. Já o termo *meme* é designado como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, p.330)

⁸ De acordo com Morera *et al.* (2014), passagens bíblicas como o mito da criação de Adão e Eva, presente no livro de Gênesis, designam para a mulher um lugar de submissão e dores como castigo a sua tendência ao mal e a desobediência – a mulher pecou e levou o homem ao pecado –. A interpretação teológica dos eclesiásticos levou a caça às bruxas durante a idade média, uma vez que o diabo possuía as mulheres para espalhar maldições nos povoados. Mulheres parteiras ou com conhecimentos sobre o uso de ervas eram acusadas de bruxaria e levadas a julgamentos e condenações pelos inquisidores como forma de afirmarem seu poder, o que leva à cristianização da sociedade estruturada a partir de uma lógica punitiva para as mulheres e que se estende até os dias atuais.

condições de possibilidade para o surgimento e disseminação de discursos misóginos.

Contextualizaremos a dinâmica da internet como um espaço onde o discurso é central, destacando a imaterialidade do ambiente virtual e a materialidade dos enunciados. Em seguida, abordaremos a origem do termo *meme* e sua evolução para se tornar uma linguagem midiática própria do ambiente digital. Discutiremos aspectos sobre pedagogia, cultura e mídia que estão intimamente relacionados ao campo do currículo e dos estudos culturais, que nos permitem analisar como esses conhecimentos são produzidos, disseminados subjetivando os sujeitos. Ao considerar a performatividade de gênero, discutiremos como os atos reiterativos e as práticas discursivas contribuem para a cristalização das normas de gênero e como elas operam como formas de poder e controle. Destacamos a importância de ampliar a noção de sujeito no feminismo para incluir outras interseccionalidades além do gênero. Exploraremos o *YouTube* destacando sua popularidade global e seu impacto significativo na vida cotidiana, especialmente entre crianças e adolescentes. E finalmente analisaremos os discursos presentes no *YouTube* com a *tag* “Super Machista Opressor” atentando a interdiscursos que se relacionam com outras produções midiáticas.

2. O Meme *shitpost*⁹ como prática discursiva

Os *memes*, por sua capacidade de viralizar e de engajar, são utilizados comumente como instrumentos para tornar dizíveis mensagens misóginas e que à primeira vista podem ser visibilizadas como inofensivas. Por meio do humor, sarcasmo e ironia, esses *memes* podem reforçar estereótipos sobre mulheres, perpetuar a objetificação feminina e promover a violência de gênero.

Neste contexto, torna-se crucial analisar o dito em seu modo de enunciação que não se confunde com a natureza linguística e sim com o discurso (no caso o discurso misóginos) e o não dito dos *memes*, seus modos de dizer e de silenciar que apontam as práticas discursivas que os sustentam.

⁹ Os *memes* e *shitposts* são formas de conteúdo humorístico disseminadas principalmente nas redes sociais e plataformas de compartilhamento de vídeos como o *YouTube* e tornaram-se não apenas parte integrante da cultura digital, mas também veículos para a propagação de ideias e discursos. Entre esses discursos, destaca-se a disseminação de conteúdo misóginos, que perpetua estereótipos de gênero e promove a desigualdade entre os sexos.

Na obra *Arqueologia do Saber* (1969), Foucault aborda o conceito de práticas discursivas como um “conjunto de regras que são imanentes a uma prática e definem sua especificidade” (p.52). Referem-se ao contexto histórico e social no qual um conjunto particular de enunciados emerge e se desenvolve uma vez que “essas relações não exercem seus efeitos apenas no discurso; inscrevem-se também nos elementos por elas articulados uns com os outros” (p.84). São regras históricas “que definiram, em dada época e para determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (p.133). Ou seja, essas condições referentes às práticas discursivas, embora frequentemente difíceis de precisar devido à sua natureza difusa, constituem o terreno sobre o qual o discurso é construído e articulado e servem como os alicerces fundamentais que sustentam a existência e a formação do discurso, fornecendo o contexto e as estruturas que moldam sua produção e circulação dentro de uma determinada época e cultura.

Buscando compreender como os *memes* contribuem para a reprodução e manutenção de relações de poder desiguais e como podem influenciar a forma como as pessoas percebem e se relacionam com questões de gênero na sociedade contemporânea, inspiramo-nos nos conceitos da análise do discurso, como proposto por Foucault, para examinar criticamente o papel dos *memes* na disseminação de discursos misóginos. Ao fazê-lo, podemos elucidar as complexas dinâmicas de poder e controle que operam no espaço digital e suas implicações para a igualdade de gênero e os direitos das mulheres.

Entendemos que as produções meméticas e *shipostings*, embora pareçam conteúdos humorísticos voláteis, podem ter um papel relevante na reiteração do discurso misógeno e na formação das subjetividades de si e do outro. A dinâmica que opera na *internet* é de pessoas reais interagindo com outras em ambiente virtual e não menos real. Aqui, a materialidade é o discurso e seus modos de disseminação que se exprimem através de curtidas, postagens, repostagens e comentários. O discurso é algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor (FOUCAULT, 1969), assim temos paradoxalmente um fluxo de continuidades e descontinuidades,

posto a imaterialidade do ambiente virtual e a materialidade contida em seus enunciados.

Segundo Dawkins, memes podem ser tomados como discursos que ecoam nas redes sociais, (re)estabelecendo padrões culturais, traçando um paralelo entre a biologia e as ciências sociais – assim como os genes transmitem herança biológica, os memes transmitiriam heranças culturais. Na contemporaneidade o *meme* atua como linguagem midiática própria do ambiente digital sendo uma das suas principais características a intertextualidade. Isso porque na maioria das vezes os *memes* referenciam outros discursos como os da cultura pop, séries, novelas, acontecimentos políticos, dentre outros. Apesar do potencial de disseminação de informações, os *memes* ainda são vistos por parte da população como conteúdo fútil por conta de sua carga humorística. Por isso, inspiradas em Foucault, defendemos a necessidade de capturar os detalhes tidos como banais nos acontecimentos:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente [...] porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT, 1969, p.31)

Encontrar unidades discursivas em meio a um sistema de dispersão é abandonar a primazia do sujeito enquanto abarca as relações entre os enunciados tidos como estabelecidos e entre enunciados de ordens diversas (jurídica, educacional, social, política, médica e outros). O discurso circula como uma entidade viva, não importando quão insignificante possa parecer seu surgimento; é na reprodução, dispersão e ressurgimento que o discurso se faz prática e suscita a noção de verdade como produção de acontecimentos. Da mesma forma que essas informações através das relações entre os sujeitos materializam o espaço virtual, materializam também formas sujeitos, posto que

os sujeitos não são tidos como causa, mas efeito dos discursos, engendrados através de aparatos tecnológicos.

As tecnologias que são utilizadas pelo poder, como aparecem no discurso foucaultiano sobre sexualidade, no volume 1 da *História da Sexualidade: a vontade de saber* (1977), teriam “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição” (p.31). O poder de regular o indivíduo não ocorre necessariamente pela proibição ou interdição, neste caso o assujeitamento se dá em meio às relações que se estabelecem hierarquicamente por meio dos lugares de enunciabilidade e visibilidade. Por exemplo, na relação *youtuber*¹⁰/espectador o sujeito vai fundar a própria experiência de si, como resultado das práticas regulatórias e dos discursos que definem a verdade do seu tempo, e das formas de subjetividade pelas quais constituirá a sua própria:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2004, p. 193)

Nesse sentido, o poder não é uma propriedade de indivíduos ou instituições, mas resulta de relações de poder complexas como uma relação de forças em disputa pelo próprio poder. Ninguém está excluído dessa dinâmica, o poder compele, disciplina e regula sendo exercido sobre os indivíduos. O poder pode ser considerado uma força - toda relação de poder é uma relação de forças. Vale salientar que o poder não supõe violência, mas somente a relação

¹⁰ Criador de conteúdo para a plataforma de compartilhamentos de vídeos *YouTube*.

de uma força com outras forças, a violência pode vir a ser o efeito desse embate.

A partir dos estudos de Foucault sobre técnicas de si publicados em 1982, Larrosa (1994) aponta para a importância das práticas nas quais se elaboram ou transmutam as relações do sujeito consigo mesmo, pensando como a lógica dos dispositivos pedagogizantes podem influenciar a forma como os indivíduos adquirem experiências sobre si. Para o autor, a experiência de si é formada historicamente através de um processo que envolve discursos, práticas regulatórias e formas de subjetivação, sempre em contextos específicos. A experiência pedagógica não apenas cria e compartilha uma experiência concreta do exterior, mas também influencia a forma como as pessoas percebem a si e aos outros.

O conceito de *tecnologias do eu* em Larrosa refere-se às práticas e dispositivos que os indivíduos utilizam para construir e moldar sua própria identidade e subjetividade. Essas tecnologias englobam uma variedade de estratégias como reflexão, auto análise e narrativa pessoal, apropriadas consciente ou inconscientemente para a formação do eu. O autor destaca que essas tecnologias são fundamentais para a constituição do sujeito, pois, o que muitas vezes se apresenta como específico ou característico não é exclusivamente o comportamento e as ideias apreendidas, mas o próprio sujeito que se permite vir a ser, ou seja, tornar-se. Para além, a forma como o sujeito se define ou como contempla a si mesmo, se estabelece através do relacionamento com diversas tecnologias permeadas por relações de poder – e não se exerce poder sem objetivos –, é sempre pelo adestramento, pela docilidade e pela dominação (ainda que sutil) dos corpos.

Por fim, os *memes* não existem em um vácuo, mas são parte de um ecossistema de comunicação online onde as interações entre os usuários desempenham um papel na disseminação e amplificação de determinados conteúdos. Assim, os *memes* misóginos não são apenas produtos individuais, mas são coletivamente construídos e compartilhados em comunidades online que podem servir como espaços de validação e reforço de atitudes sexistas.

2.1. O *meme* como currículo cultural

A pedagogia como a concebemos não é meramente o conjunto de práticas escolares e os ditos presentes nos currículos formais. Nesse sentido, abordaremos o entendimento flexível das práticas pedagogizantes para além dos muros da escola, daí a importância dos estudos culturais para entendê-las como práticas curriculares. A pedagogia não está restrita unicamente à escola, ocupando os saberes interceptados pelos discentes em diferentes espaços onde são atravessados pela cultura. Compreendemos a mídia e suas tecnologias como reprodutoras de discursos hegemônicos, difusora de novas compreensões dos velhos enunciados, influenciando historicamente, em meio a descontinuidades e rupturas, as concepções referentes às construções de identidade e formas de subjetivação dos indivíduos interpelados por relações de poder e saber.

Para Hall (1997), o século XX foi palco de uma “revolução cultural”. Sem sombra de dúvida, o domínio constituído pelas atividades, instituições e práticas culturais expandiu-se para além do conhecido (HALL, p.17). Basta pensarmos na dimensão que a internet ocupa hoje em nossas vidas. Conseguimos através das redes ter notícias ou nos comunicarmos com pessoas do outro lado do mundo sem dificuldades, compramos, olhamos, aprendemos, mostramo-nos, socializamos - tudo isso e mais, à distância - “virtualmente”, por meio das redes e das novas tecnologias culturais. Quando Hall nos fala de uma “centralidade da cultura”, ele se refere à maneira como a cultura permeia e atravessa cada recôndito da vida moderna, colocando a cultura como mediadora de tudo que nos ocorre. Os meios de produção, circulação e troca cultural têm se expandido através das tecnologias e da revolução da informação a nível global, afetando os modos de viver, alterando e deslocando formas culturais:

Nossa participação na chamada "comunidade" da Internet é sustentada pela promessa de que nos possibilite em breve assumirmos ciber identidades - substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real. Ao mesmo tempo, a cultura aprofunda-se na mecânica da própria formação da identidade. (HALL, 1997, p.23)

Daí a importância da investigação educacional inspirada nos Estudos Culturais como experiência compartilhada, concebendo a cultura como a experiência vivida pelo grupo social e que produz objetos culturais. A significação ocorre por e pela linguagem. Em resumo, poderíamos colocar a preocupação dos Estudos Culturais com questões que alocam a fusão cultural, de significação, de pautas identitárias e subjetivas entremeadas em relações de poder.

Para Larrosa (1994), o dispositivo pedagógico cria e regula os textos de identidade e a identidade dos autores ao mesmo tempo. Dessa maneira, o dispositivo pedagógico será todo e qualquer lugar que se forma e modifica as relações dos sujeitos consigo mesmos. As práticas educativas são tidas como um conjunto de dispositivos direcionados à criação dos sujeitos de acordo com tecnologias de classificação e divisão tanto entre os sujeitos quanto na interioridade desses sujeitos. A produção pedagógica do sujeito é analisada tanto do ponto de vista objetivo, quanto do subjetivo. Estes sujeitos são, impreterivelmente, sujeitos falantes que participam ativamente da produção da verdade sobre si mesmos.

Nesse contexto, um produto midiático como o *YouTube* com seus milhares de vídeos, poderia ser classificado como Fischer (1997), classificou a televisão como um dispositivo pedagógico da mídia, que não apenas veicula, mas produz e engendra saberes, produzindo subjetividades e assumindo uma função pedagógica. A autora reafirma que o discurso é constantemente produzido em virtude das relações de poder: “falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam” (FISCHER, 2001). Ou seja, os discursos não são neutros. E, sendo a internet um terreno fértil para o aparecimento das mais variadas enunciações, podemos interpretar que há na mídia um currículo prescrito, que objetiva estabelecer vínculos e com isso assujeitar os indivíduos sua programação, formulando para eles modos de ser e estar no mundo que tem a ver com o próprio dispositivo.

Diversos dispositivos pedagógicos estão presentes na mídia e podem influenciar a formação das subjetividades, tal como em alguns documentários, programas infantis e séries que atuam como programas educativos veiculados

na televisão ao transmitir informações, valores e habilidades aos espectadores; plataformas de *streaming* de vídeo como *Netflix* e *Amazon Prime Vídeo* oferecem uma variedade de conteúdos educativos, como os citados na televisão, que podem influenciar as preferências de entretenimento e os interesses educacionais dos espectadores; redes sociais e mídias digitais são os espaços onde também ocorre uma ampla troca de informações, ideias e valores. Influenciadores digitais, *youtubers* e criadores de conteúdo utilizam essas plataformas para compartilhar conhecimentos, opiniões e experiências com seu público, muitas vezes exercendo influência na formação de opiniões e comportamentos.

2.2. Gênero, tecnologias de si, performatividade e interseccionalidade

Conforme dito anteriormente, nada existe fora do discurso e da cultura, portanto, os papéis sociais de gênero são construídos cultural e discursivamente. Gostaríamos de destacar as contribuições do pensamento da teórica Teresa De Lauretis (1987), que ao pensar gênero numa perspectiva foucaultiana vê a sexualidade como uma tecnologia, propondo o gênero como representação e produto de diferentes tecnologias sociais. Judith Butler (2019) também nos ajudará com a noção de gênero, quando trata das identidades de sexo e gênero como performatividade. Ao retornar a questão dos processos pelos quais as identidades são construídas no e pelo discurso, postula um sujeito que está em constante e perpétua construção que se dá através do discurso e dos atos que executa. Na obra *Corpos que importam* (2019), Butler compreende gênero como resultado da repetição de atos que resultam na cristalização da noção, causando o que Foucault chama de efeito de verdade. Ou seja, algo normalizado e aceito como verdade busca afastar a possibilidade de questionamentos quanto à construção cultural que envolve sua veracidade. É a heterossexualidade compulsória a que se refere Butler.

Na perspectiva de desconstrução dessas imbricações culturais, Butler traz noções de performance e performatividade. A performance, refere-se à ação: como falamos, agimos e nos apresentamos ao mundo; por seu turno, a performatividade, tem como função romper com a heterossexualidade compulsória imposta pelo binarismo de gênero, ou seja, a construção do

gênero operada por meios de interdição do que não se encaixa na norma social predominante. Na teoria dos atos de fala, a performatividade é a prática discursiva realiza ou produz aquilo que nomeia (BUTLER, 2019, p.34-35), aparece como atribuição e não como construção, abrigando uma forte relação com a discursividade que produz o gênero.

Para Butler, a recorrência da questão da diferença sexual acaba sendo reduzida a diferenças materiais, sendo o sexo materializado ao decorrer do tempo e ainda, fazendo-se necessária a presença de processos de reiteração constantes, indicando que a materialização é contingente e precária. Butler coloca uma questão importante: “Se o sujeito é construído, quem o constrói?” O discurso médico, pedagógico, jurídico, político, dentre tantos outros. Desde então, esses enunciados passam a fazer parte do nosso processo de construção como seres humanos moldará a educação. A noção de performatividade, permite questionar os esquemas que regulam as categorias de gênero e de que forma é estruturada a primazia da heterossexualidade como norma geral.

De Lauretis (1987) entende a sexualidade como um conjunto de técnicas para maximizar a vida, as quais envolvem a elaboração de discursos sobre objetos privilegiados de conhecimento, como a sexualização das crianças, o corpo feminino, o controle da procriação e a psiquiatrização do comportamento sexual. Foucault (1999) defende a tese de que a sexualidade não é natural, mas construída pela cultura. De Lauretis, no entanto, chama a atenção para algo que Foucault não atentou: essas tecnologias operam de maneira diferente entre homens e mulheres. A autora questiona como a teoria do aparelho cinematográfico não apenas constrói a representação de gênero, mas como afeta a subjetividade das espectadoras. O conceito de plateia ajuda a situar a maneira como cada sujeito é interpelado pela produção fílmica. A autora propõe que paira um mal-estar da mulher perante a tecnologia e as formas de representação do feminino, posto que há neste espaço discursivo uma construção que não deixa de ser cultural que aloca a mulher a uma condição de subalternidade, exposição e humilhação, em paralelo a um lugar desejado de um modelo estético/sexual presente nas representações, entretanto inalcançável. O cinema como tecnologia social opera como significador da

mulher e na forma de recepção como espectadora, esta tem seu desejo capturado, posto que o gênero para além de representação é também construção, sendo necessário ampliar a noção do sujeito do feminismo, problematizando o sujeito não somente a partir do gênero, mas por outros marcadores sociais que podem afetar suas condições.

No livro *Interseccionalidade*, Carla Akotirene (2019) relata que a perspectiva interseccional foi introduzida por Kimberlé Crenshaw na década de 1980 e destaca a interação entre diferentes sistemas de opressão, como gênero, raça, classe, sexualidade e outros marcadores sociais, e como essas interações moldam as experiências individuais e coletivas das mulheres. Ao considerar as interseccionalidades, podemos entender melhor como as mulheres são afetadas de maneiras distintas e complexas pelos sistemas de poder e privilégio. É o caso das mulheres negras que enfrentam formas únicas de discriminação que resultam da interseção entre o racismo e o sexismo. Elas podem enfrentar estereótipos específicos e experiências de discriminação que não são experimentadas por mulheres brancas ou homens negros.

Portanto, ao ampliar a noção de sujeito no feminismo para incluir outras interseccionalidades além do gênero, reconhecemos a importância de abordar as experiências e identidades das mulheres afetadas por outros marcadores sociais. Isso permite desenvolver estratégias e políticas mais eficazes para enfrentar a opressão e promover a igualdade de gênero em todas as suas formas.

3. ANÁLISE

3.1 YouTube um lugar de enunciação

O *YouTube* é a maior plataforma de vídeos do mundo. Com mais de 1 bilhão de usuários espalhados por mais de 100 países, conta com 37% do tráfego mundial de internet móvel, segundo a pesquisa *The Mobile Internet Phenomena Report* (2019). Surgiu em 2005 para tornar o compartilhamento de vídeos mais rápido e em menos de seis meses foi comprada pelo *Google* no valor de 1,65 bilhão de dólares, a compra mais cara já realizada pelo *Google*.

Os mecanismos de navegação e as formas de interação com outras pessoas ocorrem através de um *layout* intuitivo, de modo que os indivíduos de diferentes idades, localidades e classes sociais consigam acessar o *YouTube* sem dificuldades. Os canais são idealizados e materializados pelos próprios *youtubers*, abrangendo temas diversos e criando espaço para auto narrativas e exposição de pontos de vista individuais ou de grupos específicos, oferecendo uma janela de visibilidade que alimenta a atual necessidade de validação social. Além da popularidade, a criação de conteúdo pode gerar renda, um serviço chamado Programa de Parcerias do *YouTube* (YPP) confere monetização a partir das publicações de acordo com o *YouTube Analytics*. As plataformas *YouTube* e *Whatsapp* são mais comumente utilizadas no Brasil por crianças e adolescentes de 0 a 12 anos, sendo o *YouTube* acessado “por 72% das crianças que possuem *smartphone* ou que usam emprestado o dos pais.” O uso é reconhecido pela maioria dos pais como excessivo pois “59% deles entendem que seus filhos passam mais tempo do que deveriam usando *smartphones*”, segundo pesquisa da *Panorama Mobile Time/Opinion Box* (2021). Como os demais *sites* da *internet*, o *YouTube* apresenta regras e diretrizes, sendo uma espécie de contrato que rege as formas de interações e podem ser encontradas nas políticas de privacidade e termos de serviço.

Foucault (1969), discute a formação das modalidades enunciativas enquanto elabora sobre como diferentes formas de discurso são moldadas por uma série de fatores, incluindo o status do sujeito falante, os lugares institucionais de onde o discurso emerge e as posições do sujeito em relação aos diversos domínios. Foucault explora como o discurso médico do século XIX, por exemplo, é influenciado não apenas pelo conhecimento científico, mas também pelo status social e institucional do médico, bem como pelos locais de onde o discurso é originado como hospitais, práticas privadas e laboratórios.

Já o lugar de enunciação do sujeito *youtuber* é multifacetado, assim como os lugares discutidos por Foucault no contexto do discurso médico. Foucault argumenta que o discurso não é simplesmente uma expressão de um sujeito pensante ou conhecedor, mas um conjunto de relações complexas entre diferentes elementos, como lugares, posições e status sociais, destacando que o discurso não é apenas uma manifestação de um sujeito unificado, mas um

espaço de exterioridade onde diferentes posições de subjetividade se desenvolvem, enfatizando a importância de reconhecer a diversidade e a descontinuidade do sujeito em relação a si mesmo. Na plataforma *YouTube*, são destacadas variadas modalidades de enunciação, como descrições qualitativas, narrações biográficas e interpretações, que nos leva a questionar o papel do sujeito falante e os contextos institucionais e sociais que influenciam seu discurso. Com ajuda de Foucault, podemos entender melhor como o discurso é moldado por uma variedade de fatores sociais, institucionais e históricos e como eles influenciam a maneira como o conhecimento é produzido, compartilhado e contestado em diferentes contextos. O *youtuber* pode ser considerado um sujeito que ocupa, na ordem do discurso, uma posição de destaque dentro da comunidade do *YouTube*, gozando de um status particular dentro da plataforma, caracterizado pela competência e conhecimento em um determinado nicho de conteúdo. O número de inscritos, visualizações e engajamento conferem ao *youtuber* uma posição de influência e reconhecimento e seu lugar de enunciação está diretamente ligado aos lugares institucionais de onde ele obtém seu discurso. Isso inclui não apenas o próprio espaço virtual do *YouTube*, mas também outras plataformas e espaços de criação e produção de conteúdo, como estúdios de gravação, eventos de mídia social, patrocinadores e outras personalidades da *internet*, se apoiando em espaços físicos e virtuais para criar e disseminar seu conteúdo. Desta forma, assim como o médico se relaciona com outros grupos e instituições, o *youtuber* também interage com uma variedade de partes interessadas, incluindo lugares institucionais, sociais e culturais que influenciam a produção, distribuição e recepção de seu conteúdo.

3.2 Enunciado: Super Machista Opressor

O termo “Super Machista Opressor” surge das problematizações realizadas por mulheres, a partir do relançamento do jogo *Super Mario Run*, no ano de 2016, acusado de promover estereótipos de gênero e sexismo¹¹. Os vídeos que pertencem à categoria “Super Machista Opressor” são identificados

¹¹ A única função da personagem Princesa Peach no jogo é ser salva após ser sequestrada pelo vilão Bowser (como na primeira versão do jogo lançada em 1985). A princesa no início do jogo convida Mário para uma festa no castelo no qual vive e fará um bolo para a ocasião.

por conter um recorte de alguma produção em que uma personagem masculina demonstre atitude violenta ou hostil para com uma personagem feminina. Quando isso ocorre, surge a imagem do *Super Mario* esmurrando a personagem Isabelle¹², ao som da música *Warriors*¹³ (Guerreiros) da banda *Imagine Dragons*. O trecho específico da música que pode ser buscada no *Google* como “música do machista opressor” traz o seguinte enunciado: “*Here we are, don't turn away now (don't turn away). We are the warriors that built this town*” (Aqui estamos, não se afaste agora, (não se afaste). Nós somos os guerreiros que construíram essa cidade). O termo “*warriors*” pode ser interpretado como uma referência a um conceito de masculinidade tradicionalmente associado à força, coragem e dominação. Porém, isso pode ser explorado em memes para promover ideias de superioridade masculina sobre as mulheres; algumas partes da letra podem ser interpretadas como promotoras de ideias de uma masculinidade tóxica, a associação com a ideia de luta e poder, podem ser adotadas para promover narrativas machistas.

Na plataforma de pesquisa *Google*, a *tag* “Super Machista Opressor” aparece com aproximadamente 31.000 resultados, entre imagens, vídeos e nas redes sociais (*Facebook, Pinterest, TikTok, Fandom, Twitter, Instagram, dentre outros*). O fenômeno tratado é uma produção recente ainda não analisada por outros pesquisadores e pouco descrito na internet, a não ser de forma parcial em nichos *nerds*¹⁴ (compostos por fãs de games, quadrinhos, animes, cultura pop – no sentido popular da palavra – computadores, *gadgets*¹⁵ e de tecnologias). Os vídeos são publicados em três padrões: os compilados de até 12 minutos, de curta duração e *shorts* (pequenos vídeos no formato retrato) ambos têm em torno de trinta segundos de exibição. Aparecem em diversos canais destinados a diferentes faixas etárias, geralmente com temáticas infantis trazendo recortes de cenas de jogos gravados ou desenhos animados,

¹² Conhecida como Shizue no Japão, uma personagem fictícia da série de videogames *Animal Crossing*.

¹³ A música “*Warriors*” da banda *Imagine Dragons* foi a primeira música produzida para o Mundial do jogo *League of Legends* em 2014. É usada como tema em memes do “Super Machistas Opressor” por causa de seu título e de algumas interpretações específicas de sua letra que podem ser distorcidas para reforçar estereótipos de gênero e promover atitudes sexistas.

¹⁴ Palavra informal, de origem desconhecida e aplicada a pessoas que são excessivamente interessadas por algum assunto, sendo referidas a alguém sem habilidades sociais, especialmente interessados em ciência e tecnologia.

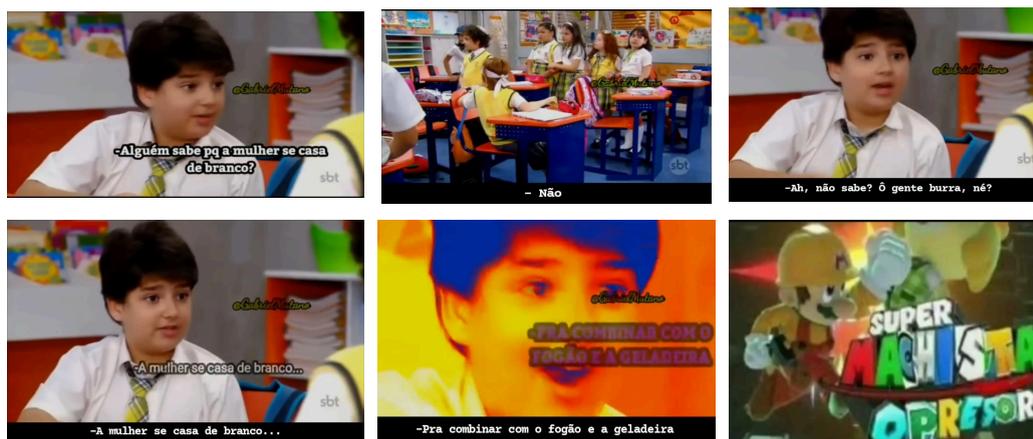
¹⁵ Gíria tecnológica para designar dispositivos eletrônicos portáteis.

podendo também reproduzir cenas de filmes, séries, programas de TV e até discursos políticos.

Um dos canais contendo compilados de vídeos com a *tag* #Super Machista Opressor pertence ao *youtuber* J Gallo, que também dá nome ao canal. Criado em 20 de março de 2020 – auge da pandemia de Covid 19 – com 6,33 mil inscritos, até meados de novembro de 2023 o canal teve cerca de 1.911.001 visualizações. Na descrição do canal, o *youtuber* afirma ser um jovem de 17 anos, toca instrumentos, desenha moderadamente, joga diversos jogos e diz que seu propósito em criar o canal é ter algo para se orgulhar no fim da vida. Os vídeos de maior sucesso são os compilados “Super Machista Opressor”. O primeiro compilado com a *tag*, nomeado de “Super Machista Opressor #1” foi postado no dia 07 de agosto de 2020. Hoje, é o vídeo mais visualizado do canal, com cerca de 646 mil visualizações, 44 mil curtidas e 3.915 comentários de usuários. Ao clicar no vídeo a plataforma do *YouTube* exibe o aviso de que o conteúdo pode ser impróprio para alguns usuários e para prosseguir deve-se confirmar que deseja continuar. Este vídeo específico tem restrição de idade com base nas Diretrizes da Comunidade do *YouTube* (sendo o único vídeo dos compilados que conta com aviso de restrição etária). O compilado tem 29 *memes* e duração de 6” e 20”, dois invertem a representação de gênero (mulheres agredindo homens), chamados de “Super Feminista Opressora”.

Optamos pela seleção de um único *meme* do primeiro compilado para compor a análise, uma vez repercutiu quando a mídia de massas, no caso a televisão, projetou a cena ilustrada na Figura 1 que aparece aos 50” trazendo um corte da telenovela infanto-juvenil Carrossel exibida pelo SBT em 2012 com classificação indicativa livre para todos os públicos. O personagem Jaime Palilo, interpretado pelo ator Nicholas Torres, aparece na escola indagando seus colegas de classe, em sua maioria meninas, sobre o porquê da mulher se casar de branco e afirma que é para combinar com o fogão e a geladeira, numa incitação explícita de um discurso machista.

Figura 1: Cena da novela carrossel adaptada para vídeo do Super Machista Opressor



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mBPv3j4cqBM&rc=1>

Jaime: Alguém sabe por que a mulher se casa de branco?

Colegas de Classe: Não

Jaime: Ah, não sabe? Ô gente burra, né? A mulher se casa de branco pra combinar com o fogão e a geladeira.

No Brasil a cultura de assistir a telenovelas é algo que por muito tempo foi transmitido através de gerações. As produções televisivas foram úteis para a reiteração de discursos cristalizados no imaginário popular, a exemplo da noção de casamento como exploração da mulher dedicada aos serviços domésticos e ao cuidado dos filhos. A historiadora Mary del Priore, no livro *Histórias e conversas de mulher* (2014), compara as relações de poder presentes na escravidão à submissão da mulher no matrimônio:

Condenando esta [a mulher] a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a igreja (PRIORE, p.13, 2014).

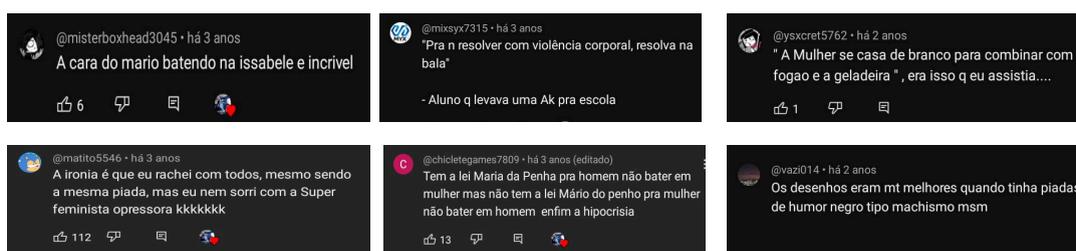
O casamento esteve e ainda está presente no ideário feminino. A busca pela inserção no padrão/status de mulher casada reproduz normas culturais remetendo a conceitualização tecida por Butler como performatividade de gênero: “A performatividade não é, assim, um ‘ato’ singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2010, p.

120). A fala da personagem que relaciona mulher, casamento e serviços domésticos remonta séculos de opressão feminina no Brasil. Desde o início da colonização a realização social da mulher se dava por meio do matrimônio, restando-lhe o destino de esposa e mãe como condição para ser socialmente aceita. No início do século passado, abre-se às mulheres a oportunidade de ingresso ao mercado de trabalho, consumo e conhecimento.

No ano de 1932, o voto feminino para alfabetizadas e maiores de 21 anos entrou na agenda das eleições. Ainda assim, o presidente Vargas, em decreto assinado em abril de 1941 insistia que a educação feminina deveria formar mulheres “*afeiçoadas* ao casamento, *desejosas* da maternidade, *competentes* para a criação dos filhos e *capazes* na administração da casa” (PRIORE, 2014, p.66, grifos da autora).

As revistas femininas repetiam insistentemente que ser esposa e mãe era uma espécie de aptidão inata das mulheres e que o trabalho fora de casa era coisa exclusiva da natureza masculina. O sonho de casar na igreja de vestido branco continuava muito presente no imaginário feminino. Nesse contexto, jovens que não tinham estudo precisavam ser habilidosas nas atividades domésticas e agradar o marido, o que envolvia cozinhar muito bem. Em qualquer papel desempenhado, as mulheres são apontadas e odiadas por suas escolhas. A misoginia é o discurso do patriarcado e não está restrita aos homens. O discurso atinge a todos/as, podendo inclusive causar desejo de estar neste lugar por sujeitos atingidos por efeitos de linguagem e de representação (LAURETIS, 1993). E ainda que tenhamos alcançado progressos essenciais como a contracepção, o direito ao voto e ao divórcio, o ingresso no mercado de trabalho – que trouxe a independência financeira e a sobrecarga devido a dupla/tripla jornada – as mulheres seguem sendo julgadas por valorizar excessivamente a aprovação masculina e o desejo de serem escolhidas como esposas ou, em contraposição, por exercerem sua liberdade sexual.

Figura 2: Comentários do vídeo Super Machista Opressor #1



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mBPv3j4cqbM&rc=1>

A cara do mario batendo na isabelle e incrível	"Pra n resolver com violência corporal, resolva na bala" -Aluno q levava uma AK pra escola	*A mulher se casa de branco para combinar com o fogao e a geladeira*, era isso q eu assistia.....
A ironia é que eu rechai com tosos, mesmo sendo a mesma piada, mas eu nem sorri com a Super feminista opressora kkkkkkkk	Tem a lei Maria da Penha pra homem não bater em mulher mas não tem a lei Mario do penho pra mulher não bater em homem enfim a hipocrisia	Os desenhos eram mt melhores quando tinha piadas de humpr negro tipo machismo msm

Quadro de legendas da figura 2

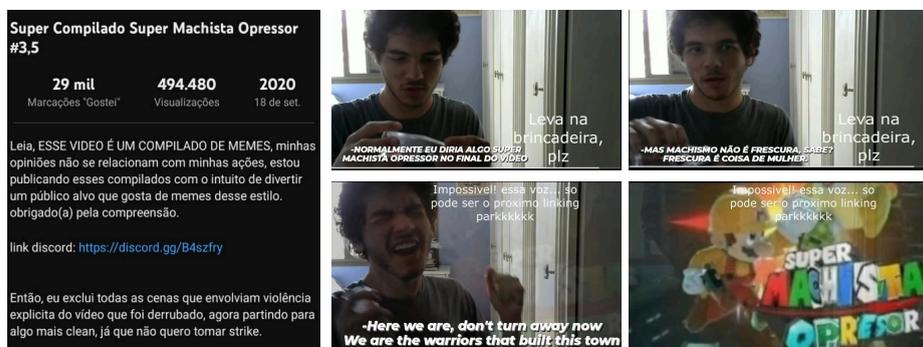
O segundo vídeo mais assistido do Canal de J Gallo é o terceiro denominado Super Machista Opressor #3,5 com 29 mil curtidas, 491 mil visualizações e 1.917 comentários. O vídeo leva esse nome porque o terceiro da série foi excluído pela plataforma do *YouTube* por meio de denúncias. Com menor duração que o #1, tem 3' 06", composto por dezesseis memes. Na descrição do vídeo, o *youtuber* justifica:

"Leia, ESSE VÍDEO É UM COMPILADO DE MEMES, minhas opiniões não se relacionam com minhas ações, estou publicando esses compilados com o intuito de divertir um público alvo que gosta de memes desse estilo. Obrigado(a) pela compreensão. [...] Então, eu excluí todas as cenas que envolviam violência explícita do vídeo que foi derrubado, agora partindo para algo mais *clean*, já que não quero tomar strike" (GALLO, 2020).

Em oposição, o *youtuber* encerra esse mesmo vídeo dizendo: "Normalmente eu diria algo super machista opressor no final do vídeo, mas

machismo não é frescura, sabe? Frescura é coisa de mulher” e encerra cantando expressivamente a música Warriors; ao canto da tela podemos ler a seguinte frase: “leva na brincadeira, plz”.

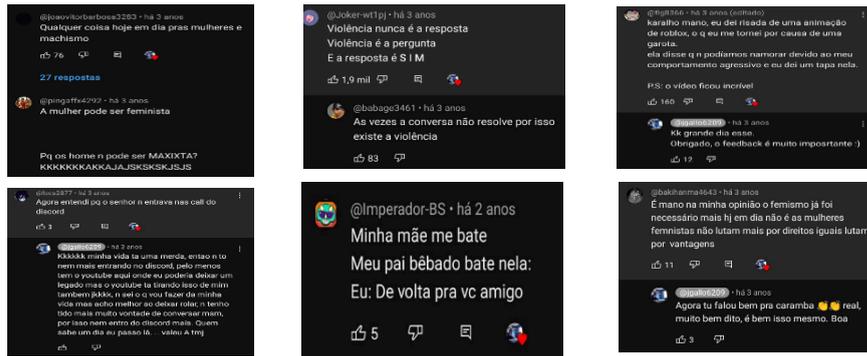
Figura 3: Relatos J. Gallo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PwWvbZijfQw>

Na descrição do vídeo do "Super Machista Opressor #3,5" J Gallo tenta se afastar das opiniões expressas no conteúdo do vídeo. O criador faz uma distinção entre suas opiniões pessoais e o propósito do vídeo. Essa descrição pode ser atrelada ao pensamento de Larrosa (1994), quando destaca a construção e mediação das formas de subjetivação nas práticas pedagógicas. O *youtuber* está consciente do contexto em que seu conteúdo é produzido e consumido, e tenta moldar a percepção do público sobre suas intenções, se posicionando como mediador entre o conteúdo que cria e a audiência, buscando evitar possíveis resistências. Podemos identificar, como proposto por Larrosa, um *autorrelato* nos ditos do *youtuber* e nos comentários dos usuários como exemplos de tecnologias do eu, na qual os indivíduos estabelecem uma relação consigo mesmos através das práticas discursivas presentes no *YouTube*. Ao produzir e compartilhar conteúdo, o *youtuber* está implicado na constituição do sujeito como objeto para si, induzindo os espectadores a refletirem sobre suas próprias identidades e experiências. Os comentários dos usuários também refletem essa dinâmica, mostrando como as interações no espaço digital influenciam a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com os outros. O enlace entre subjetividade e experiência de si é evidente nesse contexto, onde os indivíduos constroem narrativas sobre si mesmos e sobre os outros, influenciados pelas condições históricas e práticas discursivas presentes na cultura digital.

Figura 4: Comentários do vídeo Super Machista Opressor #3,5



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PwWvbZijfQw>

<p>- Qualquer coisa hoje em dia pras mulheres e machismo - A mulher pode ser feminista Pq os home n pode ser MAXIXTA? K K K K K A J A J K S K S K S K S K J S</p>	<p>- Violência nunca é a resposta Violência é a pergunta E a resposta é S I M - As vezes a conversa não resolve por isso existe a violência</p>	<p>- karalho mano, eu dei risada de uma animação de roblox, o q eu me tornei por causa de uma garota. ela disse q n podíamos namorar devido ao meu comportamento agressivo e eu dei um tapa nela. P.S: o vídeo ficou incrível - Kk grande dia esse. Obrigado, o feedback é muito imporstante :)</p>
<p>- Agora entendi pq o senhor n entrava nas call do discord - kkkkk minha vida ta uma merda, entao n to nem mais entrando no discord, pelo menos tem o youtube aqui onde eu poderia deixar um legado mas o youtube ta tirando isso de mim tambem jkkk, n sei o q vou fazer da minha vida mas acho melhor so deixar rolar, n tenho tido mais muito vontade de conversar msm, por isso nem entro do discord mais. Quem sabe um dia eu passo lá.... valeu A tmj</p>	<p>Minha mãe me bate Meu pai bêbado bate nela: Eu: De volta pra vc amigo</p>	<p>- É mano na minha opinião o feminismo já foi necessário mais hj em dia não é as mulheres femnistas não lutam mais por direitos iguais lutam por vantagens - Agora tu falou bem pra caramba 🙌🙌 real, muito bem dito, é bem isso mesmo. Boa</p>

Quadro de legendas da figura 4

Os comentários dos usuários desempenham um papel importante como parte do dispositivo pedagógico, pois refletem as reações e interpretações dos espectadores em relação ao conteúdo dos vídeos, contribuindo para a formação de uma comunidade online em torno dessas questões, o que explicita

como esses espaços digitais funcionam como locais de aprendizado e transformação das relações que os sujeitos estabelecem consigo mesmos.

Compreende-se que as influências culturais presentes nas várias formas de expressão das relações de poder estão imbricadas na dominação sócio-histórica do homem sobre a mulher. O patriarcado e o machismo, difundidos ao longo da história estão intimamente ligados à violência. Sendo assim, em vez de considerar o conteúdo dos vídeos como meras expressões individuais, para Foucault a dispersão do sujeito, buscamos compreender como eles refletem e reproduzem relações de poder na sociedade contemporânea. Ao analisarmos esses conteúdos, não estamos interessadas apenas nas intenções individuais dos produtores, mas também nas condições de possibilidade de produção e circulação. Considerando o contexto sócio-histórico e cultural de emergência desses vídeos, percebemos que eles surgem em um momento marcado por debates sobre igualdade de gênero e empoderamento das mulheres, revelando as tensões e resistências referentes às mudanças nas relações de poder e gênero. Ao examinarmos os discursos presentes nos comentários, observamos a repetição de padrões de representação de gênero baseados em estereótipos tradicionais. A popularidade desses vídeos sugere uma demanda por conteúdo misógino e a existência de comunidades e subculturas online que compartilham e promovem essas ideias, levando ao questionamento das relações de poder que sustentam e reproduzem o sexismo e a misoginia em nossa sociedade.

Já o canal do partido político Movimento Brasil Livre (MBL) que está no ar desde 2014 e conta com 1,31 milhões de inscritos, 3.225 vídeos e mais de 329.740.877 visualizações, adotou a tag “Super Machista Opressor” em janeiro de 2022, ao postar um *short* do então presidente da república, Jair Bolsonaro, se referindo ao mandato do na época ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ele diz que Lula “aumentou ICMS em tudo menos no hipoglós”, podemos escutar risadas e, em seguida, a deputada federal e também apoiadora de Bolsonaro Carla Zambelli, fala: “advogando em causa própria”, e é surpreendida por uma repreensão de Bolsonaro, que lhe diz: “fica quieta”. Todos riem alto novamente. Segue-se o padrão dos vídeos do Super Machista Opressor, junto com a imagem do Super Mário, o escrito Super Machista

Opressor *Edição Deluxe* e a música tema habitual. Esse *Short* tem cerca 57 mil visualizações, 3,8 mil curtidas e mais de 300 comentários de aprovação e reprovação do conteúdo.

Figura 5: Short Super Machista Opressor MBL



Fonte: https://www.youtube.com/shorts/i7-_XWXTc3w

Jair: Ele aumentou o ICMS em tudo menos no Hipoglós.

Zambelli: Advogando em causa própria.

Jair: Fica quieta!

A análise do texto revela como o discurso misógino é utilizado como uma estratégia de poder pelo MBL para promover sua agenda política e deslegitimar adversários. De acordo com a perspectiva foucaultiana, o discurso não é apenas uma expressão de ideias, mas também uma forma de exercício de poder, onde certos discursos são privilegiados e outros são marginalizados para servir aos interesses daqueles que hegemonomizam o poder. Ao adotar a *tag* "Super Machista Opressor" o MBL, se utiliza do discurso misógino de Bolsonaro para desqualificar o presidente Lula e silenciar sua aliada Zambelli, enquanto perpetua estereótipos de gênero e desigualdades estruturais. Jair Bolsonaro faz uma piada sexista, enquanto outros homens riem e fazem comentários depreciativos sobre a deputada Carla Zambelli. Destacamos a sua condição de mulher branca, cisgênera e deputada federal democraticamente eleita em questão. As mulheres de classes socioeconômicas mais baixas, notadamente as negras, podem enfrentar desafios adicionais devido à falta de recursos financeiros e ao acesso a oportunidades educacionais e de emprego. Da mesma forma, mulheres LGBTQIA+ podem enfrentar formas específicas de discriminação e violência com base em sua sexualidade ou identidade de gênero, podendo enfrentar o que é conhecido como "dupla discriminação",

de gênero refletem a maneira como as normas de gênero são reiteradas e reproduzidas socialmente. Expressões como "parece mulher de malandro" ou "Zambelli nasceu pra ser capacho" revelam como certos comportamentos e características são atribuídos de acordo com normas de gênero preestabelecidas, reforçando estereótipos de submissão. Lauretis (1987) contribui para essa análise ao destacar a importância da representação na construção de identidades de gênero. De acordo com sua perspectiva, as representações midiáticas e culturais exercem um papel crucial na formação de identidades de gênero, influenciando a maneira como nos vemos e somos vistos pelos outros. Os comentários misóginos sobre Carla Zambelli mostram como as representações de gênero são utilizadas para reforçar hierarquias nas relações de poder e marginalizar mulheres que ocupam posições de destaque na esfera pública. Ao ridicularizar e desqualificar Zambelli com base em sua identidade de gênero, os comentaristas estão reproduzindo representações de feminilidade que perpetuam relações de dominação e subordinação. Portanto, sob a perspectiva de Butler e Lauretis, os comentários sobre o vídeo evidenciam como as normas de gênero subjetivam e são reproduzidas através de práticas discursivas e representações midiáticas, perpetuando relações de poder desiguais e de subalternização das mulheres na esfera pública.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das diversas camadas de significado presentes nos discursos misóginos do *YouTube*, é evidente a complexidade e a gravidade desse fenômeno. Ao relacionar esses discursos com as teorias de Butler, Lauretis e Foucault, podemos compreender como o gênero é construído e perpetuado através de práticas discursivas e tecnologias sociais, resultando em relações de poder desiguais e opressivas. Ao desvelar essas dinâmicas, podemos questionar as estruturas de poder existentes e resistir às formas de opressão de gênero presentes na política e na sociedade em geral.

Através da análise de inspiração foucaultiana, podemos enxergar como esses discursos misóginos são utilizados como instrumentos de dominação e controle, contribuindo para a disseminação de valores conservadores e a manutenção de estruturas patriarcais de poder. Portanto, é fundamental

reconhecer a importância política da produção de conhecimento acerca das questões de gênero como ato de resistência democrática na promoção da igualdade de gênero e do respeito às diferenças. Somente através de um esforço coletivo e engajado podemos esperar combater eficazmente o machismo e outras formas de opressão em nossa sociedade.

5. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

BERTAGNOLLI, Gissele B. Leal; SILVA, Denise Regina Quaresma da; TASCHETTO, Leonidas Roberto; TORMAN, Ronalisa. **Misoginia em redes sociais**: uma forma de violência contra mulheres, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, março, 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". N-1. 2019.

_____. **Corpos que pensam**: Sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.p. 151-172.

DEL PRIORE, Mary. **História e conversas de mulher**: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história. 2ª revisão: Clim Editorial. São Paulo, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de pesquisa, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

_____. **O estatuto pedagógico da mídia**: questões de análise. Educação & Realidade, [S. l.], v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 17 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1969.

_____. **História da Sexualidade I**: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

_____. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. **Técnicas de si**. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento, 01-23. Acesso em: https://cognitiveenhancement.weebly.com/uploads/1/8/5/1/18518906/as_tcnicas_do_si-_michel_foucault.pdf. Acesso em: 15.09.2022.

_____. **Vigiar e punir**: a história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, v.22, n.2, 1997.

INFORMAL, Dicionário de Português gratuito para internet. 2006. Disponível em < <https://www.dicionarioinformal.com.br/shitpost/>> Acesso em: mar. 2022.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. Technologies of gender, Indiana University Press, p. 1-30, 1987.

_____. **Através do Espelho**: Mulher, cinema e linguagem. Trad. Vera Pereira. Revista Estudos Feministas, v.1 n.1,1993, 96-122p. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15993>> Acesso em: ago, 2022.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, p.35-86, 1994.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Trad. Geraldo Florsheim, Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Universidade da Universidade de São Paulo, 1976.

Tik tok é o app que mais cresce em utilização pelas crianças brasileiras. mobiletime. 2021. Disponível em < <https://www.mobiletime.com.br/noticias/01/11/2021/tik-tok-e-o-app-que-mais-cresce-em-utilizacao-pelas-criancas-brasileiras/>> Acesso em: 26, ago. 2022.

The Mobile Internet Phenomena Report. Sandvine: February, 2019.

YOUTUBE. 7 de ago. de 2020. 6:19. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mBPv3j4cqbM&rco=1>. Acesso em: 12 ago. 2022.

_____. 18 de set. de 2020. 3:06. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PwWvbZijfQw&t=1s>. Acesso em: 12 ago. 2022.

_____. 20 de jan. de 2022. 0:30. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/i7-_XWXTc3w. Acesso em: 18 ago. 2022.